

Simone de Beauvoir: leituras no Brasil (1960-1980)

Joana Vieira Borges¹ - PPG-UFSC

Na França, Simone de Beauvoir recebeu críticas cruéis tanto da direita conservadora quanto da esquerda comunista, ao desvendar a condição passiva e submissa da mulher na sociedade. Simone de Beauvoir compreendeu que a figura feminina e as posturas que lhes são atribuídas são nada mais que construções do social. Negando a idéia de determinismo biológico, Beauvoir abriu caminho para pensar a transformação da condição da mulher, uma vez que a opressão feminina também é algo construído e deve ser rompido. Sua obra mais conhecida, O Segundo Sexo, passou a ser uma das obras pioneiras dos estudos de gênero, sendo referência para o feminismo dos anos 70 no Brasil e no mundo. Desta forma, nos perguntamos: como foi a repercussão das obras de Simone de Beauvoir no Brasil?

É inserido nesta perspectiva que este trabalho pretende apreender a maneira como foram lidas e apropriadas as obras de Simone de Beauvoir no Brasil, entre os anos de 1960 e 1990, e de que forma estas leituras contribuíram para o movimento feminista brasileiro. Para tanto, busca focalizar essa repercussão através de periódicos e obras de divulgação.

Simone de Beauvoir: trajetória

Simone de Beauvoir nasceu em Paris a 9 de janeiro de 1908, e com 17 anos ingressou no curso de Filosofia da Sorbonne, onde veio a conhecer Jean-Paul Sartre, em 1929. Simone de Beauvoir e Sartre estabeleceram desde o início de sua relação uma condição de “casamento aberto”, que suscitou, e ainda suscita, intenso debate e críticas. Polêmicas sobre a relação de Simone e Sartre à parte, e que demandariam um outro trabalho que foge neste momento aos objetivos deste, o certo é que sua celebridade vem acima de tudo desta relação com o grande intelectual existencialista, sendo muitas vezes reduzida injustamente, a meu ver, como sua fiel discípula².

O existencialismo foi fundamental na análise de Simone de Beauvoir sobre a condição feminina. Passadas as duas grandes guerras mundiais a Europa encontrava-se em crise, e,

desta forma, o existencialismo surgiu dando sentido ao que estava acontecendo, partindo do pressuposto de que a existência precede a essência. Ou seja, Sartre e os outros intelectuais existencialistas negavam o determinismo do essencialismo humano³.

Neste sentido, Sartre teorizou o que Simone de Beauvoir viria a perceber na prática em O Segundo Sexo. Nas palavras de Luís Antônio Cantatori Romano, autor de A passagem de Sartre e Simone de Beauvoir pelo Brasil em 1960⁴, sobre a filosofia de Sartre:

*“(...) para esse filósofo, o princípio de que a existência precede a essência ganha significado bem determinado: é a consciência (ser para-si) quem funda a significação das coisas, dos atos, dos valores... enfim, do mundo (ser em-si). A essência depende da consciência, fonte originária de toda significação”*⁵.

Uma vez que a essência humana não é determinada, mas sim mutável no processo social, a condição feminina não se basearia em uma “essência natural da mulher”. Daí se justifica a célebre frase: *“Ninguém nasce mulher: torna-se mulher”*⁶.

Outra questão interessante na trajetória de Simone de Beauvoir é sua tardia identificação como feminista, em 1972. Nesta época, Beauvoir já era reconhecida como escritora de peças de teatro, ensaios e crônicas, além de intelectual da esquerda francesa, co-fundadora com Sartre de *Les Temps Modernes*. Muito tempo tinha passado desde as suas primeiras publicações, durante os anos de 1940, quando a autora percebeu-se enquanto feminista. Deixamos então nas palavras da própria Simone de Beauvoir, dadas em entrevista a Alice Schwarzer, a explicação desta tardia identificação:

“No final de O Segundo Sexo, eu disse que não era feminista porque pensava que a solução dos problemas femininos devia ser encontrada numa evolução socialista da sociedade. Para mim, ser feminista era bater-se por reivindicações especificamente femininas, independentes da luta de classes. Hoje, conservo a mesma definição: chamo feministas as mulheres ou mesmo os homens que lutam por modificar a condição da mulher, evidentemente em ligação com a luta de classes, porém fora dela, sem subordinar inteiramente essa mudança à da sociedade. Diria, assim, que hoje sou feminista dessa maneira. Porque percebi que é preciso, antes da chegada do socialismo com o qual sonhamos, que se lute pela condição concreta da mulher. E, por outro lado, também verifiquei que, mesmo nos países socialistas, essa igualdade não foi conseguida. É preciso, portanto, que as mulheres tomem seu destino nas mãos. É por isso que estou agora participando do Movimento de Libertação da Mulher”.

“Tornei-me de fato feminista”.⁷

Estudos e leituras: Brasil 1960-1990

Em 15 de agosto de 1960 chegava ao Brasil um dos casais mais visados da época: Simone de Beauvoir e Jean-Paul Sartre. Após visitarem China e Cuba, o casal escolheu o Brasil dentro do circuito de viagens que fizeram naquele momento, indo posteriormente ao Japão, União Soviética e Egito. O período no Brasil foi o mais longo: de 15 de agosto a 1º de novembro de 1960, passando por Recife, São Paulo, Rio de Janeiro e Salvador. Sobre esta viagem, especificamente, encontramos dois livros: Sartre no Brasil: a conferência de Araraquara⁸ e A passagem de Sartre e Simone de Beauvoir pelo Brasil em 1960. Ambos tratam da visita do casal ao país, embora focalizem, mais particularmente, a figura de Sartre. No primeiro, trata-se da tradução da conferência que Sartre pronunciou na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araraquara, e o segundo se propõe a reconstituir as várias perspectivas sobre esta viagem a partir de pesquisas em periódicos brasileiros, procurando tratar das polêmicas em torno do pensamento de Sartre e dos contatos que o casal fez aqui. É importante frisar que, na introdução de Sartre no Brasil: a conferência de Araraquara, escrita por Luiz Roberto Salinas Fortes, há apenas rápidas menções a Simone de Beauvoir.

“Além desta fala ‘sobre a dialética’, como a ela se refere Simone de Beauvoir no relato nem sempre bem-humorado que insere a respeito em seu livro A Força das Coisas, Sartre também manteve um debate, no antigo Teatro Municipal da cidade e a convite dos estudantes, sobre diversas questões políticas então na ordem do dia”.⁹

Neste momento, Simone de Beauvoir já era reconhecida no circuito intelectual, pois havia publicado, entre ensaios e peças teatrais, as seguintes obras na França: A convidada (1943), O sangue dos outros (1945), Todos os homens são mortais (1946), Moral da ambigüidade (1947), O Segundo Sexo (1949), Deve-se queimar Sade? (1952), Os mandarins (1954), A longa marcha (1957), e Memórias de uma moça bem-comportada (1958).

Para investigar como estas e outras obras¹⁰, posteriormente publicadas, repercutiram no Brasil no período de 1960 a 1986, é de crucial importância estarmos percebendo o contexto político no qual se encontrava o país. Enquanto a Europa e os Estados Unidos viviam não apenas um momento de crise política, mas também cultural, como prova a revolução sexual, “o cenário do Brasil era completamente outro”, como afirma Céli Regina Jardim Pinto:

“(...) o de uma década que desde o começo foi política por excelência, com dois campos ideológicos claros se enfrentando violentamente”.¹¹

O Brasil vivia o período de ditadura militar e, excluídas de sua livre expressão, e conseqüentemente sem o poder de manifestar-se, a população sofreu as pressões exercidas pelo regime de perseguições, prisões, torturas, desaparecimentos e censura, iniciado em 1964. Em dezembro de 1968, o Ato Institucional n.º 5 (AI-5) foi decretado, limitando ainda mais as atuações não apenas políticas como também culturais da sociedade.

Em outros países, em que a cidadania era respeitada, as manifestações puderam acontecer nas ruas, como foi o caso da França, da Alemanha, da Itália, dos Estados Unidos e da Inglaterra. Essas manifestações correspondiam à luta pelo direito ao uso dos contraceptivos, ao direito ao aborto, entre outras questões¹². Em contrapartida, no Brasil, mulheres e homens que participavam não só dos movimentos feministas, como de outros movimentos sociais, foram impedidos pelo regime militar de se manifestarem publicamente, sob risco de serem identificados como prováveis comunistas.

Contudo, as forças militares, apoiadas na censura, nem sempre conseguiram impedir o que acontecia debaixo de seus olhos. Algumas editoras conseguiram trazer para o Brasil obras de referência feminista que estavam sendo publicadas na Europa e nos Estados Unidos. Entre estas, O Segundo Sexo, traduzida e publicada no Brasil em 1962, a qual, portanto, já circulava antes da instalação da ditadura militar. Suely Gomes Costa, professora

da Universidade Federal Fluminense, afirma que tomou conhecimento da obra O Segundo Sexo, em português, em 1962, por conselho de um professor.

*“(...) tinha um professor extremamente inovador na época muito jovem, psiquiatra, Álvaro Acirole. E um dia o Álvaro vem com um livro da Simone de Beauvoir e diz ‘leiam esse livro, aqui há de ser uma escola feminina. Vocês precisam conhecer alguma coisa sobre a condição feminina, O Segundo Sexo’. Então eu tenho a primeira edição do Segundo Sexo”.*¹³

Em uma reportagem da revista VEJA de 15 de junho de 1977, que trata dos livros proibidos em território nacional pela censura, percebe-se o tratamento dado às obras estrangeiras que estavam entrando no país neste momento.

*“Vai ser preciso criar uma comissão de sábios nos correios’, comentava desolado e irônico o historiador e professor mineiro Francisco Iglesias, a propósito das sombrias figuras que serão obrigadas a ler, por força da Portaria n.º 427, publicações estrangeiras importadas”.*¹⁴

A reportagem continua a explicar o método mais fácil utilizado pelos censores: ficar atento aos títulos. Títulos com as palavras “marxismo”, “luta” e “sexo”, por exemplo, estariam automaticamente vetados. Isso responde, de certa forma, à dificuldade em encontrarmos a divulgação e a data de publicação das obras de Simone de Beauvoir durante o período ditatorial, mas isso não quer dizer que não tenham sido lidas antes deste período. Questionada em uma conferência, em comemoração aos cinquenta anos de O Segundo Sexo, de quando seria a primeira publicação da obra no Brasil, Heleieth Saffiot respondeu:

*“De quando é a primeira edição? Eu não sei, não sei, eu tenho uma que não é a primeira, eu não sei quando saiu a primeira. Agora vamos admitir que só haja saído 10 anos depois, ainda assim lavramos um tento enorme, porque a União Soviética impediu que ele fosse traduzido. Olha, em Cuba, eu nunca vi esse livro, nunca vi; (...)”.*¹⁵

É bem provável que outras obras de Simone de Beauvoir, talvez de títulos bem “menos sugestivos”, tenham conseguido entrar no país durante o regime militar. Quem pode, inicialmente, sinalizar a leitura destas obras são as pessoas ligadas ao movimento feminista que reapareceu no Brasil em 1975, com a circulação dos primeiros jornais

feministas e com a organização de encontros. Algumas destas pessoas passaram pelo exílio em países como Chile, Estados Unidos e alguns da Europa, e com a anistia, em 1979, retornaram trazendo novas experiências, leituras e discussões, arregimentando o movimento feminista brasileiro. Outras não chegaram a ser exiladas, mas mantiveram contatos com exiladas(os) por correspondência, como é o caso das organizadoras do jornal Nós Mulheres e Brasil Mulher, que tiveram contatos com o Círculo de Mulheres Brasileiras de Paris¹⁶.

Desta forma, muitas autoras brasileiras consideradas feministas tiveram contato com obras feministas estrangeiras, e, entre estas O Segundo Sexo, sendo isto constatado através das referências bibliográficas citadas em seus livros, e da utilização de conceitos nem sempre devidamente referenciados. Rose Marie Muraro foi uma destas autoras. Em seu livro Libertação Sexual da Mulher, percebe-se a apropriação da obra O Segundo Sexo, de Simone de Beauvoir, quanto ao tratamento dado à questão biológica que envolve a condição da mulher, embora a autora brasileira não faça referência direta à autora francesa.

*“Uma vez assim entendida a posição da mulher dentro das estruturas sociais, resta-nos estudar o seu papel dentro da nova cultura. O leitor e a leitora já poderão ter percebido que os valores da nova consciência são, antes de tudo, valores que tradicionalmente seriam chamados de femininos (elementos não intelectivos da realidade, misticismo, comunicação, etc.). Assim, a sua simples existência já nos dá resposta ao grave problema de inserção dos valores femininos no mundo tecnológico”.*¹⁷

Danda Prado, auto-exilada em Paris em 1972, em seu livro Ser esposa: a mais antiga profissão, discorre sobre a questão dos papéis destinados à mulher na sociedade, mostrando que também fez a leitura de O Segundo Sexo, ao abordar a submissão a que a mulher foi condicionada.

*“Foi só a partir da obra de Simone de Beauvoir, O Segundo Sexo, que as mulheres começaram a ser encaradas como indivíduos e/ou produtos de um desígnio social que as condiciona, deformando-as: ‘A mulher não nasce mulher, ela se torna mulher’, diz ela”.*¹⁸

Partindo desta análise, poderia ainda citar Branca Moreira Alves e Marta Suplicy. Em seu livro Ideologia e feminismo: a luta da mulher pelo voto no Brasil¹⁹, ao fazer uma análise

das propostas do feminismo atual, Branca Moreira Alves resume rapidamente as questões levantadas por Simone de Beauvoir em O Segundo Sexo, dizendo que esta “extrapola as limitações de uma explicação unicamente econômica”. Já em A Condição da Mulher: amor-paixão-sexualidade²⁰, Marta Suplicy utiliza a questão da mulher enquanto o *outro*, levantada por Simone de Beauvoir, para discorrer sobre a condição de submissão da mulher ao homem.

*“Na primeira fase está a mulher que é extensão do outro, que ainda não tem existência própria”.*²¹

Entre outras pessoas que tiveram como leitura obras de Simone de Beauvoir neste período, poderia citar ainda Carmen da Silva²², Jaqueline Pitanguy²³, Maria Risolette Fernandes¹, Lourdes Bandeira² e Sandra Azerêdo³. As obras mais citadas são Memórias de uma moça bem comportada e O Segundo Sexo, embora se tenha conhecimento de outras obras publicadas neste período no Brasil, como é o caso de Na força da Idade²⁴, Todos os homens são mortais²⁵, Os mandarins²⁶, Uma morte muito suave²⁷, A cerimônia do Adeus²⁸, A longa marcha²⁹, Balanço Final³⁰, Sob o Signo da História³¹ e O sangue dos outros³².

Muitas das pessoas que escreveram sobre Simone de Beauvoir e suas obras afirmaram a importância incontestável desta autora para o feminismo. Nas palavras de Mariza Corrêa e Maria Lygia Quartim de Moraes:

*“Cada uma de nós, à sua maneira, se relacionava com Simone e com seus escritos de uma maneira peculiar, mas para todas nós ela tinha sido uma marca, uma influência, ainda que indireta”.*³³

*“Simone de Beauvoir foi uma das intelectuais que mais contribuíram para o movimento feminista dos anos 70 e, nesta medida, para as profundas transformações na condição da mulher, que marcaram nosso século”.*³⁴

¹ Em entrevista concedida à professora Joana Maria Pedro, em 28 de novembro de 2003, Maria Risolette Fernandes afirma ter lido os livros O Segundo Sexo e A convidada, entre outros, no início da década de 80.

² Entrevista concedida à professora Joana Maria Pedro, em 28 de novembro de 2003, afirma ter lido Memórias de uma moça bem comportada.

³ Em entrevista concedida à professora Joana Maria Pedro, em 28 de novembro de 2003, Sandra Azerêdo afirma ter lido, na década de 60, Memória de uma moça bem comportada e O Segundo Sexo.

Heleieth Saffiot chama atenção para a emergência de uma pesquisa que procure perceber como foi a repercussão das obras de Simone de Beauvoir no Brasil, visto a importância da autora francesa para a formação do movimento feminista brasileiro.

*“Agora, o que me parece importante é a repercussão desse livro fora da sociedade francesa, em outros países como o Brasil. Você vê a minha geração (...), todas passamos por esse livro, então ele foi um marco, sem dúvida nenhum, abriu muitas cabeças de quem o leu, ele foi muito importante. É um marco histórico, continua sendo e esse reconhecimento, as reverências foram feitas ainda que se fizessem críticas – sempre se faziam reverências porque ela continua sendo uma referência e também há que se atentar para sua precocidade. Naquele momento, o livro foi fundamental e continuou sendo por muito tempo”.*³⁵

Desta forma, este trabalho traz os resultados de uma primeira pesquisa³⁶ a respeito da repercussão das obras de Simone de Beauvoir no Brasil, comprovada através de estudos e leituras realizadas entre as décadas de 1960 e 1990. Observamos que os estudos referentes a Simone de Beauvoir, e mesmo suas obras, eram momentaneamente levados à discussão, seja nas edições comemorativas a respeito de O Segundo Sexo, ou citados em obras de autoras(es) identificadas(os) com o feminismo.

¹ Mestranda em História Cultural – Programa de Pós-Graduação em História – UFSC. Bolsista Capes.

² CADERNOS PAGU. Simone de Beauvoir & os feminismos do século XX. Campinas, SP: Publicação do PAGU – Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP, n.12, 1999. Pg. 38.

³ MOTTA, Alda Britto da; SARDENBERG, C.; GOMES, M. (Orgs.). Um diálogo com Simone de Beauvoir e outras falas. Coleção Bahianas, n.5. Salvador: Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher – NEIM:FFCH/ Universidade Federal da Bahia, 2000. Pg. 42.

⁴ ROMANO, L. A. C. A passagem de Sartre e Simone de Beauvoir pelo Brasil em 1960. Campinas: Mercado das Letras, 2002.

⁵ Idem, pg. 44.

⁶ BEAUVOIR, S. O Segundo Sexo: A Experiência Vivida. Trad. Sérgio Milliet. Vol 2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. Pg.09.

⁷ SCHWARZER, A. Simone de Beauvoir hoje. 2ª edição. Rio de Janeiro: Rocco, 1986. Pg. 30-31.

⁸ SARTRE, J.-P. Sartre no Brasil: a conferência em Araraquara. Tradução de Luiz Roberto Salinas Fortes. Rio de Janeiro: Paz e Terra; São Paulo: UNESP, 1986.

⁹ Idem, pg. 12.

¹⁰ Como é o caso de A força da Idade I (1960), A força da Idade II (1963), Uma morte muito suave (1964), As belas imagens (1966), A mulher desiludida seguida de Monólogo e A idade da discricção (todas de 1968), A velhice (1970), Balanço Final (1972), Quando o espiritual domina (1980) e A cerimônia do Adeus (1981). As datas são referentes ao ano em que as obras foram publicadas na França, sendo extraídas da biografia de Simone de Beauvoir. Ver, a este respeito, FRANCIS, Claude; GONTIER, Fernand. Simone de Beauvoir. Tradução de Oswaldo Barreto. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1986.

¹¹ PINTO, C. R. J. Uma história do feminismo no Brasil. São Paulo. Editora Fundação Perseu Abramo, 2003. pg. 42.

¹² PINSKY, C. B.; PEDRO, J. M. Mulheres: igualdade e especificidade. In: PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla B. (Orgs.). História da Cidadania. São Paulo: Contexto, 2003.

¹³ Entrevista concedida à professora Joana Maria Pedro em 17 de fevereiro de 2004, em Florianópolis/SC.

¹⁴ VEJA, n.458. São Paulo: Editora Abril, p. 120, 15 de junho de 1977. Pg. 120.

¹⁵ MOTTA, Alda Britto da; SARDENBERG, C.; GOMES, M. (Orgs.). Um diálogo com Simone de Beauvoir e outras falas. Coleção Bahianas, n.5. Salvador: Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher – NEIM:FFCH/ Universidade Federal da Bahia, 2000. Pg. 37.

¹⁶ PINTO, C. R. J. Uma história do feminismo no Brasil. São Paulo. Editora Fundação Perseu Abramo, 2003. Pg. 52-56.

¹⁷ MURARO, R. M. Libertação Sexual da Mulher. 2ª ed; Rio de Janeiro: Vozes, 1971. Pg. 138.

¹⁸ PRADO, D. Ser esposa: a mais antiga profissão. São Paulo: Brasiliense, 1979. Pg. 16.

¹⁹ ALVES, B. M. Ideologia e feminismo: a luta da mulher pelo voto no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1980. Pg. 185-186.

²⁰ SUPPLICY, M. A Condição da Mulher: amor – paixão – sexualidade. Artigos. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

²¹ Idem, pg. 27.

²² CIVITA, L. T. (Org.). O Melhor de Carmen da Silva. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1994.

²³ ALVES, B. M.; PITANGUY, J. O que é feminismo. 8ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1991.

²⁴ BEAUVOIR, S. Na força da idade II. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1961.

²⁵ BEAUVOIR, S. Todos os homens são mortais. Tradução de Sérgio Milliet. 3ª edição. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1966.

²⁶ BEAUVOIR, S. Os mandarins. Tradução de Hélio de Souza. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1965.

²⁷ BEAUVOIR, S. Uma morte muito suave. Tradução de Álvaro Cabral. 2ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

²⁸ BEAUVOIR, S. A cerimônia do adeus: seguido de entrevistas com Jean-Paul Sartre, agosto-setembro 1974. Tradução de Rita Braga. 5ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

²⁹ BEAUVOIR, S. A longa marcha. Tradução de Alcântara Silveira. Série: Biblioteca temas modernos. São Paulo: IBRASA, 1963.

³⁰ BEAUVOIR, S. Balanço Final. 2ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

³¹ BEAUVOIR, S. Sob o Signo da História. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1965.

³² BEAUVOIR, S. O sangue dos outros. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1969.

³³ CADERNOS PAGU. Simone de Beauvoir & os feminismos do século XX. Campinas, SP: Publicação do PAGU – Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP, n.12, 1999. Pg. 07-10.

³⁴ Idem, pg. 93.

³⁵ MOTTA, Alda Britto da; SARDENBERG, C.; GOMES, M. (Orgs.). Um diálogo com Simone de Beauvoir e outras falas. Coleção Bahianas, n.5. Salvador: Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher – NEIM:FFCH/ Universidade Federal da Bahia, 2000. Pg. 35.

³⁶ Essa pesquisa refere-se ao projeto de mestrado que está sendo desenvolvido pela mestranda Joana Vieira Borges, com orientação de Joana Maria Pedro. Projeto aprovado pela Pós-graduação em História, da Universidade Federal de Santa Catarina no ano de 2005.